



colóquio ibero-americano
5º paisagem cultural
patrimônio e projeto

PRESENTIFICAÇÃO DO IMAGINÁRIO RURAL DOS SUJEITOS RURAIS NA PAISAGEM

PALHARES, VIRGÍNIA DE LIMA.

Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia, Instituto de Geociências.
palhares.vi@gmail.com

RESUMO

Iniciei a investigação com uma indagação: quais poderiam ser as formas simbólicas manifestadas pela seca na paisagem rural? Esta pergunta foi norteadora para a minha busca maior: analisar a paisagem no imaginário dos sujeitos rurais durante a seca e como ele pode ser presentificado no espaço rural. Aqui entendemos a paisagem como a base material na qual ocorre a interação do que é visível e do sujeito que a decodifica. O que se discute é: os signos postos na paisagem rural podem revelar a permanência do agricultor em seu espaço de vivência, ainda que se perceba uma acentuada ampliação da seca ao longo dos anos. Estes signos são produto da construção da identidade dos sujeitos rurais com a seca revelada na paisagem, a partir da perspectiva sociocultural. Para dar sequência à investigação proposta, me inseri na comunidade rural da Inhaúma-MG, localizada no município de São João da Lagoa, Norte de Minas, para dar voz aos sujeitos rurais que procurava para serem os protagonistas da presentificação da paisagem através do seu imaginário. A metodologia adotada foi qualitativa tomando a paisagem como base imagética espacial, uma vez que nela é possível olhar e ler as presentificações da seca no imaginário dos agricultores e os modos de entender o mundo. Como resultado, foram identificados sinais da seca na paisagem rural. Isso só foi possível quando se deu voz à simbologia da seca mantida no imaginário dos agricultores. Foram constatadas heranças de realidades socioculturais preservadas na paisagem. Os signos na revelaram a capacidade do agricultor em criar alternativas de permanência, de enraizamento no sertão, ainda que se perceba uma acentuada ampliação da seca ao longo do ano.

Palavras-chave: imaginário; seca; paisagem; signos.

De início...

O trabalho foi articulado no aprofundamento da noção de presentificação, para fundamentar o entendimento da seca e na categoria paisagem - base material na qual ocorre a interação do que é visível e a apresentação do sujeito que a decodifica. Aqui se discute que os signos na paisagem rural podem revelar a permanência do agricultor em seu espaço de vida. Pretendeu-se refletir sobre a presentificação da seca no imaginário dos agricultores da comunidade rural da Inhaúma-MG. Optou-se por um encaminhamento metodológico qualitativo tomando a paisagem como base imagética espacial, pois nela é possível olhar e ler as presentificações da seca existentes no imaginário dos agricultores e os modos de entender o mundo.

Foi criada uma estratégia para investigar a seca presentificada no imaginário da comunidade rural da Inhaúma-MG, município de São João da Lagoa, sertão nortemineiro. De modo específico, procurou-se compreender como os sentidos da seca se incorporaram nas lembranças dos sujeitos rurais, representados por signos na paisagem.

Presentificação da seca: imaginário e paisagem

O imaginário é a ligação para se constituir uma presentificação, e esse imaginário passa pelo simbólico se desvelando na paisagem. Durand (2000) compreende o imaginário como um conjunto de imagens simbólicas a partir de arquétipos - as estruturas antropológicas do imaginário. As formas simbólicas são essenciais do cotidiano, e sua significação se refere a realidades diferentes das pertencentes à experiência da vida cotidiana.

Optou-se por utilizar o termo presentificação ou apresentação ou presença ao invés de representação porque esse é o termo utilizado por Husserl (2001) para designar a experiência indireta que o eu tem dos outros eus, bem como por Heidegger (2012) para designar o ente.

Tornar presente, manifesto, é o que o dicionário Caldas Aullete diz em relação ao termo presentificar. Por outro lado, o termo existência surge em uma das definições do dicionário Michaelis. Heidegger nos diz que a presença ou daisen “se compreende em seu ser, isto é, sendo” (HEIDEGGUER, 2012, p.48), pela sua existência. Isto significa que é na presença que “o homem constrói a sua história.” (HEIDEGGER, 2012, p.561).

Na fenomenologia, como se está voltando diretamente para o fenômeno, não temos algo representado. O concreto e o não concreto estão juntos; são significativos. Desse modo, o termo mais adequado a ser utilizado no âmbito deste trabalho é a presentificação. Desse modo, os signos da seca podem se transportar para um outro tempo que se presentifica naquele momento.

A paisagem é a imagem expressa e captada de elementos do ordinário. Ao captar esta imagem identificam-se os determinantes que a elaboraram e a tornaram singulares, numa dada posição, forma, situação e sentido, aprofundando o conjunto que se mostra a partir dos nossos olhos. A paisagem é uma maneira de ver a imagem que se forma aos nossos olhos e compreender a reflexão do objeto fornecido visualmente.

Berque (1998) utiliza o termo *médiance* para explicar que a paisagem contém ao mesmo tempo aspectos subjetivos, simbólicos e objetivos, físicos. O autor refere-se ao “sentimento de um meio: ao mesmo tempo tendência objetiva, sensação/percepção e significado desta relação medial” (Berque, 1998, p. 48). A *médiance* dissolve dicotomias criadas e formula a integração de modo que esta dê conta das transformações subjetivas e objetivas para dar um sentido de unidade ao ambiente.

A leitura da paisagem só ocorre desde que o sujeito seja considerado parte do processo de sua construção, e este processo seja intercedido pelas representações do imaginário social, carregado de valores simbólicos. Por isso, a imagem deve ser vista e interpretada para interagir com o olhar e a reflexão necessária sobre o que ela nos apresenta. É preciso saber olhar as imagens para aprender a ver a paisagem com seus elementos – ruídos, cheiros, cores, formas... E assim a paisagem vai se compondo não apenas de elementos visíveis aos nossos olhos, mas de elementos que nos fazem senti-la, percebê-la.

Emergem possibilidades de leituras a partir dessas imagens. Estas deixam de ser apenas imagens e passam a ser presentificações culturais, identitárias, coletivas. Na paisagem rural é possível perceber, ver e sentir os elementos que a compõem mais facilmente devido a sua intimidade com os recursos naturais. “São modos de ver a imagem que se distinguem de acordo com a história de vida dos observadores.” (PALHARES, 2010, p. 13).

Analisar a seca como parte de um universo simbólico e não somente como um fenômeno natural é compreender uma forma particular de conhecimento, expresso pelos saberes do agricultor que indicam como ele se interage com esse fenômeno em sua cotidianidade. É o agricultor sertanejo a figura mais indicada para estabelecer a relação entre ele e a seca, enquanto presentificação, por meio da exploração dos recursos naturais, da criação de figuras lendárias sobre a seca e outros.

A inclusão do símbolo no universo social da seca requer uma aproximação com o imaginário dos sujeitos rurais para expressar os elementos que julgam ser significativos na tecitura das relações que se criam na paisagem. A florada das espécies vegetais, o cheiro da terra, o canto dos pássaros, o movimento do vento ao longo do dia, o redemoinho, o tempo em si, as noites frias, os dias quentes, enfim, são sinais que apontam uma maior ou menor intensidade de presentificação da seca.

O imaginário é a dimensão na qual poderá ser observada a seca enquanto presentificação no trato dos objetos geográficos porque ele vincula o homem ao espaço por meio da carga simbólica. O imaginário é, nesse sentido, “um meio de interrogar o real, confrontando-o com outras possibilidades, de agir sobre o mesmo para fazê-lo parecer a ficção.” (ALMEIDA, 1998, p.36). O imaginário traz nas lembranças imagens que não são reais e as transforma, modifica, altera. A imaginação simbólica, no caso da seca, se manifesta através de objetos materiais e imateriais, ou seja, pela religiosidade, pelos córregos e lagoas secas, pelas veredas que não existem mais, pelas noites frias e secas, pelos dias quentes, luminosos e secos, contendo fortes significados para o homem sertanejo. A paisagem é a instância mediadora desse fenômeno que mostra realidades que se constroem ao longo do tempo. “Ela é, pois uma dupla criação da cultura. A cultura de quem a olha e a apreende e a cultura daquele que a cria, a ‘inventa’. Aí reside o mistério da paisagem. O mistério do sertão.” (ALMEIDA, 1998, p.44). Essa realidade diz respeito ao universo social do sertanejo que busca compreender a paisagem na qual ele se insere, notadamente na estiagem.

Podemos dizer que o mundo do espectador é mediado pela imagem. Esta, por sua vez, se faz representar pela palavra. As lembranças são o meio pelo qual o indivíduo constrói sua identidade, ligada à linguagem. A imagem transmite visões de mundo e modos de vida, já que ela traz implícito uma interpretação do presente. De fato, as imagens são formadas por símbolos e mensagens que se traduzem na visão de mundo dos sujeitos observados. “O que vai definir se a imagem tem ou não conteúdo é o olhar do espectador, pois a imagem sempre nos apresenta emoldurada.” (PALHARES, 2010, p. 55).

Presentificação da seca: os sinais da natureza

Tem-se, em Inhaúma, um aglomerado de pequenos agricultores cujo sistema de produção é formado por pequenas criações de gado mestiço, seguido de roças tradicionais de milho, feijão, mandioca e cana. Ainda que esses agricultores encontrem situações difíceis de sobrevivência – sete a oito meses de seca -, sua permanência no local é garantida pela identidade construída ao longo dos anos.

A paisagem se encontra relacionada à observação, ao sujeito que a modela, remodela, modela ... “Esse movimento dado à paisagem resulta em cicatrizes traduzidas por presentificações simbólicas que trazem significado.” (PALHARES, 2010, p. 55). Por isso, a relação entre esses elementos “torna também a paisagem apta a significar: ela se apresenta com uma unidade de sentidos, ela ‘fala’ a quem a olha.” (COLLOT, 1990, p.24). Esses sentidos são produto da visão, da existência e do inconsciente, elementos constituintes do sistema organizador da paisagem. (COLLOT, 1990).

Esse é um entendimento da paisagem no sentido fenomenológico, ou seja, a paisagem é a presentificação do “acumulo, através da memória, e o descarte, pelo esquecimento, das expressões e associações culturais que se definem sobre o espaço geográfico e que são a base do ser social das pessoas.” (HOLZER, 1999, p.163). Se a paisagem é portadora de atributos simbólicos, há vida nela e é preciso reproduzir os valores culturais para que estes continuem a ter sentido. Logo, a paisagem supera a expressão morfológica, física, para estarmos vendo, ouvindo e sentindo vivos.

A etnografia da seca consiste em uma descrição e leitura de práticas e saberes de sujeitos conservados em seu imaginário a partir de técnicas participativas desenvolvidas no contexto da pesquisa.

A paisagem é consequência de um processo de elaboração simbólica. Os significados e valores dados à paisagem são fruto de determinações humanas. Os signos guardam em si a realidade; por isso se constituem em representações do mundo que se misturam no passado e no presente. E decodificá-los geograficamente é um indicativo para aprofundar o conhecimento sobre nós mesmos. Denis Cosgrove (1998) chama a atenção para a existência de uma sensibilidade geográfica para se fazer uma investigação da paisagem cultural uma vez que é preciso *vê-la por dentro*, ou seja, conhecer as suas entranhas, as evidências nativas, culturais do lugar que poderão ser uma base sobre aquilo que os significados expressam.

A paisagem da Inhaúma é recoberta por um universo simbólico que nos direciona para a seca, considerada então, como uma categoria sociocultural que ordena e organiza esse espaço de vivência. Essa paisagem nos apresenta encantos materiais e naturais como os coqueiros de macaúba, e também, imateriais, presentes no imaginário social; alguns deles, (re)descobertos pelos participantes, co-construtores desse trabalho. A Inhaúma pode ser observada então, como uma paisagem construída por permanências: costumes, formas de ver e representar o mundo, fazeres do cotidiano, vivências... E o tempo se constitui nessa permanência, materializado pelas representações na espacialidade da paisagem.

Compreender esses aspectos materializados nas formas de expressão, de trabalho e de convívio com a seca e perceber como eles podem interferir na composição da paisagem rural da Inhaúma implica em ver na paisagem um processo de construção simbólica atribuído pelos sujeitos rurais ao seu espaço de vivência. Ao atribuírem significado a uma roça de milho e de feijão, às técnicas e instrumentos de trabalho, às rezas, às árvores que dão sinal de chuva, os sujeitos rurais favorecem a construção da identidade local. Essa relação se confunde a formas materiais de produção de cultura. De fato, há uma “forma singular de apropriação da natureza regida por um sistema de representações, códigos e

mitos” (ALMEIDA, 2008a, p.62), que prioriza valores como as experiências de cada um e do coletivo. Esse modo de se apropriar da natureza se configura no patrimônio; ele congrega práticas sociais e memórias, na maioria das vezes não reconhecidas pela história.

A paisagem da seca constitui-se de elementos de significados do presente e do passado, esfumada pelas características do calor incessante do verão, nublada pelas nuvens que carregam os trovões e pelo frescor do inverno seco, pelas noites iluminadas pelas estrelas do sertão. A identificação desse universo simbólico da seca e da ocupação humana do lugar formam um conjunto de elementos que resulta no desenho de uma paisagem cultural rural.

A seca é uma particularidade do sertão. Sua significação supera o período de estiagem, estendendo-se a cada momento do tempo que perpassa sua vida social. Assim, se estamos na seca, não questionamos seu significado. Por outro lado, se estamos no *inverno (nas águas)* é a sua ausência que lhe atribui um sentido. O sertanejo está com a seca, sempre.

A seca se presentifica na natureza. Nosso olhar apreende e cria categorias na paisagem, dando-lhe significado. A gradação da cor verde escuro, verde claro, amarelado, amarronzado, acinzentado, visível na paisagem, aponta para a mudança: verde é água; acinzentado é seca. Cores, cheiros e sons podem representar a distância ou não do perigo da seca.

Além da cor, o vento e a temperatura são excelentes indicadores da seca. À medida que o término das águas se aproxima, o tempo quente e abafado se distancia; a temperatura diminui nas noites que se tornam cada vez mais estreladas e límpidas. Manifesta-se o vento nas madrugadas do sertão, tão temido pelo sertanejo por representar de fato um prenúncio da seca. No início, são comuns nevoeiros nas encostas nas primeiras horas das manhãs. O orvalho se forma sobre as plantas e umedece o solo. Em contraposição, à tarde a umidade relativa do ar se reduz.

O vento real se mistura a uma força mítica criada pelo sertanejo abrangendo os redemoinhos criados em nuvens de poeira no sertão. Ele tritura as folhas secas com rapidez, arrasta garranchos jogados na terra.

A natureza tece a condição do sujeito ser um sertanejo. A intimidade com a natureza faz com que o sujeito desenvolva a observação e reconheça as alterações na paisagem: as passagens bem marcadas do verão para o inverno, remetendo à dinâmica das águas para a seca. Essa intimidade é confirmada nos diversos fragmentos de narrativas a respeito das representações da seca.

Muitas vezes, o sol muito quente e a temperatura elevada, serviam de comentário sobre a seca, de modo invertido. Uma agricultora comentou: “*um sinal de chuva pra mim é o céu.*”

Fico olhando pro céu. A nuvem mais diferente faz a gente acreditar... Às vezes o tempo ficava de jeito...” A esperança de chuva em um local cuja certeza é a seca é retratada em outro momento pela mesma agricultora: *“Às vezes eu pensava: não vou ficar olhando para o céu, porque olhava, olhava e a chuva não vinha”*.

Isso foi percebido quando os agricultores vinculavam o céu ao belo e ao feio. Ou seja, para eles, o céu bonito está ligado a céu encoberto sujeito a chuvas e, de modo contrário, para tempo firme com muito sol e calor. O comentário de um agricultor corrobora com essa afirmativa: *“Olha como o céu tá bonito! Bonito de chuva!”*, ou *“Hoje o céu não tá bonito porque não tem nevoado.”* Isso significa que não há formação de nuvens para chover. Há um céu azul límpido, claro, em contraste com o tom ocre das terras esturricadas pela sequeidão.

O céu vai se travestindo ao longo do dia, com poucas nuvens no azul firme, cedendo espaço para o sol que esquenta a paisagem. O entardecer revela um sol que derrama sobre o céu e reflete na paisagem um tom avermelhado, semelhante ao fogo, sobre os afloramentos rochosos de calcário quentes, espinhentos, transformando o sertão num lugar quente, em brasas. O sol também era utilizado para marcar a hora. O relógio no sertão funcionava com poucos números: antes do meio dia, depois do meio dia, a tarde, a noite... Nas palavras de uma agricultora, *“o tempo de aula era marcado pelo sol. O trabalho era comandado pelo sol. O dia grande era muito difícil, cansava muito.”*

Se o sol significava temperatura, calor, seca, a lua significava água, chuva. Uma agricultora se referiu à lua como indicativo de chuva. Segundo ela, a lua Crescente é um sinal de chuva. A agricultora se refere a essa fase da lua *“quando ela está ‘derramando’ no rio”*, diferente da outra fase, pois *“quando a lua é Nova ela fica retinha. Quando tá marcando chuva ela fica derramando, viradinha sentido rio abaixo, pra direita”*.

Por outro lado, há uma diversidade de manifestações citadas pelos agricultores vinculadas a floração das espécies arbóreas. O ipê roxo, também conhecido como pau d’arco, é tido como indicador de mudança no tempo no sertão. Segundo um antigo agricultor da comunidade, *“quando o pau d’arco dá florada no mês de maio, a chuva vai cair abundante e pega cedo”*. Isso significa a antecipação da florada do ipê, pois ela ocorre em condições normais a partir de agosto de cada ano, período em que a árvore fica totalmente despida de folhas.

A taipoca possui uma estreita relação com a seca e o período das primeiras chuvas. O agricultor atento às transformações na paisagem diz que a florada da taipoca precede tempo bom, bom de chuva, pois *“quando você vê ela enflorar, pode cuidar de roça pra plantar. A*

flor é alvinha! Ela dá uma safra de flor, você roça a terra, junta o cisco e queima pra arar a terra pra plantar. Quando ela florar de novo, já pode plantar”.

Outra espécie arbórea presente na Inhaúma é o pau-terra. *“Enquanto o pau-terra não abrir a flor, não chove,” dizia um agricultor.* A florada do pau-terra coincide com o veranico - estiagem entre as chuvas de final de ano e fevereiro. A floração do pau-terra entra em cena para orientar os agricultores, pois *“se tem o veranico e repolha o pau-terra, é sinal de chuva”.*

A cagaiteira também orienta os agricultores em relação ao tempo bom de chuva ou ruim de seca. Segundo eles, *“quando ela tá enflorando, tá perto de chuva”,* pois em um ano de regime de chuvas normal, as flores começam a aparecer em setembro. Os frutos se desenvolvem após a floração; por isso, no mês seguinte já é possível ver muitos deles nas cagaiteiras. Os saberes locais revelam que *“a cagaita não cai na poeira, nem que seja na neblina,”* ou seja, quando amadurece, não cai no chão para ser colhido durante a seca. Logo, o real (cagaita) e o irreal (esperança) estão juntos nessa leitura, pois *“quando a cagaita cai no chão é sinal de que o ano vai ser bom de chuva”,* ou *“depois que a cagaita cai, vem chuva”.* Por outro lado, os agricultores concluem quanto ao comportamento da cagaiteira e a estiagem: *“se cair a cagaita, florescer e não chover, é sinal de ano de seca brava”.*

A orvalheira ou jacarandá muxiba é apontada como sinal de chuva, pois *“ela chora, chora, chora mesmo. A gente chama ela de pau chorão”.* E uma moradora continua dizendo que na última vez que viu a orvalheira, *“caiu tanta água, tanta água que embebedou o capim. Pinga grosso como chuva. A água é clarinha”.*

Criou-se uma relação mágica entre os agricultores e a orvalheira. Imaginemos em pleno sertão, com um sol quente, escaldante, onde as pessoas clamam por chuva, termos uma árvore que chora... De fato, trata-se de uma espuma que brota nos galhos e embaixo da copa caem pingos de água. Suas raízes podem absorver a água e levá-la até as suas folhas largas causando uma situação de stress hídrico. O formato em conchas das folhas proporciona a absorção do orvalho da madrugada, notadamente em dias frios e úmidos.

O *copo de vaqueiro* também acumula água na estiagem. *“O pessoal vaqueiro sai pra campear rês na seca e corta o pé de chapéu de vaqueiro que tá cheio de água e bebe. É tipo bromélia, fica agarrada nos pau”.* As folhas dessa planta crescem em rosetas no formato de um copo, no qual é acumulada a água da chuva. Este copo é importante para a planta se manter, pois é dele que ela absorve água e nutrientes carregados até ali pelo vento. Esse tipo de planta se adapta bem na seca, armazenando água da chuva em suas folhas. Ela é benéfica não só para o homem, bem como para insetos e anfíbios que vivem

em seu interior, e répteis, pássaros e roedores, atraídos pela água da chuva retida na base de suas folhas.

O mandacaru também possui essa capacidade de reter água. O armazenamento da água é feito no caule e nas folhas; mata a sede de pessoas e animais quando a seca se prolonga muito. É uma planta que se adapta bem ao calor do sertão. Cultivado em solos mais pobres, o mandacaru é encontrado em afloramentos rochosos sobre camadas finas de areias.

Para encerrar, temos a macaúba. *“Quando o facão tá soltando o cacho é porque vai chover e é tempo de plantar roça”*. Na Inhaúma, os macaubais enfeitam a paisagem e a colorem de amarelo na época da floração. A macaúba se desenvolve em solos de cerrado e floresce e produz frutos o ano todo. Contudo, é no período chuvoso que a florada ocorre com mais frequência.

As vestimentas das árvores indicam chuva ou seca. O que distingue uma situação da outra é a estação do ano bem marcada, no sertão norte-mineiro: seca e águas. Sua figura garbosa - na floração -, e alegre - na produção -, difere do seu aspecto tristonho, mas altivo, resistente ao calor, ao pó, à baixa umidade: *“quando as árvores estão destruindo as folhas é sinal de seca”*. Um exemplo dessa situação é o tom esverdeado das folhas do juazeiro em meio a seca do sertão, representação da resistência e da esperança de bons tempos que estão por vir. O juazeiro é uma das poucas árvores que se mantém verde durante a estiagem e se constitui em espaço de resistência diante do solo sertanejo, ressecado e poeirento.

As lembranças dos depoentes remeteram ao tempo de fartura da seca. Contraditoriamente ao sofrimento da escassez da água, é na seca que o sertão fornece produtos que são a base alimentar das famílias bem como movimentam ainda hoje os mercados regionais. Nesse contexto, *“a seca faz parte da vida”*.

Considerações

Ainda que os depoimentos colhidos tenham apresentado um sentido sofrido da seca especialmente pela ausência de água para manutenção de pessoas e animais, é no espaço de tempo de sua vigência que se produz o mel, a cachaça, a rapadura, o corante, a farinha. Os agricultores têm consciência da dinâmica temporal e estão convencidos de que a seca é uma certeza. A seca foi identificada na paisagem rural pelas cores, pelo cheiro da terra, e pelos traços naturais - macaúba, copa de vaqueiro, mandacaru...

Do mesmo modo, compreender como os sentidos da seca, incorporados nas lembranças dos sujeitos rurais, estavam representados por signos na paisagem, significou estar próximo do passado no tempo presente. Por outro lado, a permanência da seca no imaginário dos sujeitos rurais e a compreensão do cotidiano dos sujeitos rurais pelo viés da seca,

mostraram a resistência dos agricultores à seca e, sobretudo, o vínculo criado entre eles e a terra. É com ela que eles elaboram alternativas de sobrevivência, se mantêm no espaço rural e constroem sua identidade com a seca a partir da perspectiva sociocultural.

A seca é uma presentificação vista e sentida pelo sujeito rural, aqui entendido no sentido coletivo, dinâmico, de construção de sua história. A palavra deu voz à simbologia da seca mantida no imaginário das pessoas. As pessoas expressaram objetos materiais e imateriais significativos na tecitura das relações que se criaram na paisagem rural. A seca é uma realidade inerente à Inhaúma. Logo, a incerteza da água se torna uma certeza.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTI, Alessandro J. P. (Orgs.). *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, n.6, p.35-45, jul/dez de 1998.

_____. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa. (Orgs.). *Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida*. Goiânia:Ed Vieira, 2008 a. p.47-74

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. In: *Boletim de Geografia Teorética*, v. 20, n. 39, p. 21-32, Rio Claro, 1990.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 2000. 111p. (Coleção Perspectivas do Homem).

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6ª ed. Petrópolis:Vozes, 2012 (Coleção Pensamento Humano).

HOLZER, Werther. Paisagem Imaginário e Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p.149-168 (Série Geografia Cultural).

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas*. Introdução à Fenomenologia. Trad. Frank Oliveira. São Paulo:Madras, 2001.

PALHARES, Virgínia de Lima. *Representações da seca no imaginário dos sujeitos rurais da Inhaúma-MG*. 2010. 158f. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.